



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE FILOSOFIA**

ALEXANDRO GOMES DE FARIAS

**FELICIDADE E REFLEXÃO FILOSÓFICA NA CONCEPÇÃO  
EPICURISTA**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

ALEXANDRO GOMES DE FARIAS

**FELICIDADE E REFLEXÃO FILOSÓFICA NA CONCEPÇÃO  
EPICURISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

224 Farias, Alexsandro Gomes de  
Felicidade e reflexão filosófica na concepção epicurista  
[manuscrito] / Alexsandro Gomes de Farias. - 2014.  
21 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,  
Departamento de Filosofia".


1. Filosofia 2. Filosofia Antiga 3. Simplicidade 4.  
Felicidade. I. Título.

21. ed. CDD 187


## Felicidade e reflexão filosófica na concepção epicurista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 11/03/2014.

  
Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB  
Orientador

  
Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB  
Examinador

  
Prof. Ms. Marianne Sousa Barbosa / UEPB  
Examinadora

A Deus, luz dos meus dias.  
A minha mãe, Donina Monteiro de Farias.  
Ao meu pai, Albertino Gomes de Farias (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois só Ele é digno de toda honra, glória e louvor. Senhor, obrigada pelo fim de mais uma etapa.

A todos/as que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa:

A minha mãe, pelo amor e dedicação constantes.

Aos meus irmãos: Carlos, Paulo, Suênio, Suelene, Simone, Sueli, Silvana, Silvia,

Ao Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda, pelos momentos de aprendizado, companheirismo e amizade, pois sempre foi mais que um orientador, um amigo! Agradeço ainda pela confiança depositada em mim, por não poupar esforço como interlocutor dos alunos/as.

Aos professores que aceitaram o convite de estarem na minha banca examinadora: Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Marianne Sousa Barbosa e Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Barbosa.

Aos meus amigos de curso, que contribuíram nos momentos difíceis, com palavras de incentivo e companheirismo.

## RESUMO

A simplicidade e a reflexão filosófica constituem os elementos essenciais para se alcançar a felicidade tal como a concebe Epicuro. O artigo objetiva analisar como se apresenta a articulação entre essas duas realidades e como elas podem ser tomadas como fundamento para uma ética que não carregue a marca do racionalismo grego. Para melhor compreender esse desafio, apresentamos como Epicuro vai conceber a reflexão filosófica diretamente associada a um estilo de vida cuja marca fundamental seja a simplicidade e liberdade frente aos apelos da sociedade. Em tempos de crise da polis grega, não se pensa mais o indivíduo como um mero átomo daquela comunidade política, pois importa pensar o indivíduo enquanto capaz de estabelecer relações de proximidade em pequenas comunidades de vida com propósitos comuns. Epicuro desenvolve ainda uma reflexão sobre a natureza dos prazeres e a importância da prudência, de modo que possamos compreender como uma vida marcada pela simplicidade não é impedimento para a felicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simplicidade. Reflexão. Felicidade.

## FELICIDADE E REFLEXÃO FILOSÓFICA NA CONCEPÇÃO EPICURISTA

### Introdução

Nosso artigo busca tecer algumas considerações a respeito da felicidade a partir da *Carta a Meneceu*, cujo tema central é a felicidade. A carta encontra-se na obra de Diógenes Laércio (livro X, 122 - 135). Considerado como o principal escrito de Epicuro voltado para um direcionamento da conduta humana em vista de se alcançar a “saúde do espírito”. O autor pretende nos conduzir a percepção de como o homem pode buscar a tranquilidade da alma a partir de escolhas bem simples para orientar a sua vida: amizade, liberdade e reflexão. Os epicuristas buscam alicerçar a felicidade na simplicidade de vida: Uma alimentação simples, vida contemplativa, estudos filosóficos, sem a busca pelo prazer desmedido, embora tenham sido acusados de procurar o prazer a todo custo. Para melhor compreender a proposta dessa filosofia como uma “espiritualidade”, um “modo de viver”, faz-se necessário adentrar no contexto histórico e teórico no qual Epicuro desenvolve o seu pensamento.

Dessa forma, importa recordar que Epicuro nasceu por volta de 341 a.C. em Samos, ilha Grega onde começou seus primeiros estudos de filosofia. Morou em Atenas, Cólofon e Lâmpsaco, veio a falecer em Atenas, em 270 a.C, aos 72 anos de idade. Em Atenas conheceu grandes pensadores e comprou uma casa com Jardim onde criou a sua escola que ficou conhecido como Jardim de Epicuro. Moravam juntos mestres e discípulos, cultivavam hortaliças para o próprio sustento bem como acampavam em barracas no próprio jardim da habitação; contentavam-se com muito pouco para viver, bebiam vinho e queijo em momentos especiais, normalmente recorriam ao pão e água para satisfação de suas necessidades.

Essas breves referências históricas nos deixam antever que a escola Epicurista é uma filosofia voltada para a vida, ou seja, uma forma de se viver e viver com simplicidade. Neste sentido, analisar aspectos do pensamento de Epicuro presente nesta carta envolve uma discussão sobre o prazer, a felicidade, a filosofia, e a forte relação entre a comunidade e a amizade.

### **Epicurismo e helenismo**

Uma das características fundamentais das filosofias helenísticas<sup>1</sup> é a acentuada preocupação com a vida interior, com a liberdade diretamente associada aos valores que são tomados como essenciais para orientar a vida. Devemos destacar que no período helenístico ocorre uma difusão da cultura grega pela bacia do Mediterrâneo. O modelo cultural que antes ficava restrito as ilhas gregas, agora se difundia, tornando-se comum a todos os Impérios Mediterrâneos. Atenas, que permanece voltada para especulação filosófica, conhece também o desenvolvimento de outras práticas do pensamento. Em Alexandria há um rápido desenvolvimento das chamadas ciências particulares,

---

<sup>1</sup> “A palavra “helenística” designa tradicionalmente o período da história grega que se estende de Alexandre Magno, o Macedônio, até a dominação romana, portanto do fim do século IV a. C. ao fim do século I a. C. Graças à extraordinária expedição de Alexandre, que estenderá a influência grega desde o Egito até Samarcanda e Tachkente e também até a Índia, abre-se uma nova época da história. Pode-se dizer que a Grécia começa então a descobrir a imensidade do mundo” (HADOT, 1999, p. 139).



que se organizam de modo diferente da tradicional sabedoria filosófica. Nesse sentido, o século III a.C., testemunha o desenvolvimento de ciências ainda muito próximas do modelo especulativo filosófico, como a matemática e a astronomia, mas também testemunha a construção das ciências baseadas na observação. A figura do sábio associado ao saber filosófico agora convive com um tipo diferente de sábio, especialista e erudito, trabalhando com os novos saberes pautados na observação.

A interpretação corrente costuma associar como elemento determinante para compreensão do epicurismo a marca das invasões dos romanos, considerados como bárbaros pelos gregos, e a conseqüente crise da cultura grega, dos seus valores sociais, políticos e econômicos, decorrente do fim do modelo administrativo centrado na *polis* democrática, substituído pelo modelo bélico característico do Império Romano.

O modelo político administrativo das cidades-estados autônomas e democratas será radicalmente modificado com o advento do domínio macedônio e depois romano. Isso significa a perda da autonomia política e a submissão a um controle central. Essa modificação no terreno estrito da política tem direta repercussão no campo teórico. Se a democracia está fortemente relacionada com a experiência cultural e filosófica experimentada pela Grécia, o fim dela terá necessariamente ressonâncias no plano teórico. Das pequenas cidades-estados passa-se ao modelo imperial concentrador, parte de um complexo político bem mais amplo no qual convivem povos e culturas diferentes, gregos e orientais, o que antes não acontecia. Autonomia e liberdade devem ser agora pensadas de maneira bem diferente do que antes eram vivenciadas.

A nova ordem política imposta ao mundo grego não é mais baseado na participação livre e soberana do indivíduo no governo da *pólis*, prática fundamental na experiência da democracia grega. Dessa forma, a preocupação central em termos de conhecimento não é mais a formação para o exercício da cidadania, a atividade política enquanto condução dos destinos de sua *pólis*, o pensamento agora está voltado para uma formação focada na vida interior, no aprimoramento da conduta que possibilite uma experiência de liberdade e felicidade.

Em sintonia com o novo contexto político-administrativo, o pensamento filosófico, medita agora sobre a conduta, especula a respeito de normas práticas para a consciência. O grande desafio para o pensamento filosófico se constitui em desenvolver uma ética baseada em normas simples e aplicáveis. Em suma, não mais existindo o mundo democrático que os mesmos conheciam e que motivaram os seus pensamentos, os gregos agora estão submetidos a novos senhores, primeiro macedônios, depois romanos. O comando da política não é mais democrático, dela o povo não participa nem opina, resta então desenvolver um pensamento voltado para a vida interior, já que não há mais uma intensa atividade pública.

Portanto, segundo essa abordagem, o epicurismo seria uma filosofia decorrente da decadência do pensamento grego consagrado como aquele que seria merecedor de estudos, pois deixara traços fundamentais na cultura ocidental. Porém, essa interpretação tem sido constantemente desafiada pelos estudos contemporâneos sobre as escolas, pois as pesquisas “... mostram muito bem, que todas as cidades continuaram a ter, tanto sob as monarquias helenísticas como depois do Império romano, intensa atividade cultural, política, religiosa e mesmo atlética” (HADOT, 1999, p. 141). Dessa forma, a interpretação das filosofias helenísticas como um pensamento de um período de decadência é questionada<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Conforme interpretação de Hadot, essa visão da filosofia helenística deve ser revista: “Apresentou-se muitas vezes o período helenístico da filosofia grega como uma fase de decadência da civilização grega corrompida pelo contato com o oriente. Várias razões podem explicar esse juízo severo: em primeiro lugar, o preconceito clássico que frisa *a priori* um modelo ideal de cultura e decide que somente a Grécia dos pré-socráticos, dos trágicos e, a rigor, de Platão merece ser estudada; em segundo lugar, a ideia segundo a qual, com a passagem do regime democrático ao regime monárquico e o fim da liberdade política, a vida pública das cidades gregas ter-se-ia extinguido. Os filósofos, abandonando o grande esforço especulativo de Platão e de Aristóteles e a esperança de formar homens políticos capazes de transformar a cidade, ter-se-iam resignado a propor aos homens, privados da liberdade política, um refúgio na vida interior” (HADOT, 1999, p. 140 – 141).

## A filosofia como estilo de vida

Devemos então procurar outras razões para se compreender essa mudança no pensamento grego, que não seja a razão de um pensamento de época de decadência. A filosofia do helenismo se realiza nas escolas, “existiram, em Atenas, entre os séculos IV e I, quatro escolas de filosofia, que assumiram, de um modo ou de outro, uma forma institucional e tiveram, de maneira geral, métodos análogos de ensino” (HADOT, 1999, p. 153). Essas escolas associam a filosofia com um modo de vida, não desenvolvem, nem ensinam uma mera doutrina especulativa, mas elaboram um pensamento que funcione como um guia para orientação da vida, para as coisas práticas do dia a dia, sobretudo aquelas que dizem respeito à felicidade, à alegria de se viver, ao prazer, ou, de qualquer forma, que dê um sentido para a vida, pois:

cada escola define-se por uma escolha de vida, por uma opção existencial. A filosofia é amor e investigação da sabedoria, e a sabedoria é, precisamente, um modo de vida. A escolha inicial, própria de cada escola, é a escolha de um tipo de sabedoria (HADOT, 1999, p. 154)

Atentemos que as escolas buscam realizar o que nós costumamos chamar de sabedoria de vida, aqueles conhecimentos que se traduzem em preceitos para orientar as coisas práticas da vida. Neste sentido,

que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la. Prática e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz (EPICURO, 2002, p. 1).

O lugar escolhido por Epicuro para instalar a sua escola e ao mesmo tempo ser espaço de vivência coletiva, já permite perceber que seu pensamento postula ser mais do que uma reflexão, quer apresentar uma alternativa de mudança para a sociedade do seu tempo: uma instalação residencial com um jardim nos arredores de Atenas. Com essa escolha Epicuro alcançava duas coisas: um afastamento da vida pública, mas sem distanciamento total, e o silêncio do campo necessário à reflexão filosófica. O “Jardim” (que, em grego, diz-se *Képos*) irá dar nome à escola, os epicuristas passarão a ser conhecidos como “os filósofos do Jardim”, de modo que a expressão “os do Jardim” tornou-se sinônimo de seguidores de Epicuro, os epicuristas. A meditação filosófica construída no silêncio do jardim é transformada em máximas que podem ser facilmente ensinadas e assimiladas.

Dessa forma, o epicurismo traduziria um esforço de pensamento que buscaria suplantiar as reflexões abstratas desenvolvidas nas escolas de Platão e Aristóteles, pois estas não davam mais resposta a sociedade grega do helenismo. Os estudiosos da filosofia das escolas destacam que em relação ao ideal de felicidade ocorre “[...] uma simplificação e uma radicalização das posições: enquanto que para os estóicos a felicidade reside na virtude e nela somente, ela deve ser buscada segundo Epicuro unicamente no prazer (hedoné, donde o nome de hedonismo dado a essa doutrina)” (CHÂTELET, 1973, p. 188). Uma única meta deve nortear a vida do homem, a felicidade, pois esta é a única realidade que faz a vida valer a pena. E a felicidade é identificada com a vida prazerosa.

### **Prazer e felicidade**

A simplificação apontada é em comparação com a complexidade dos sistemas de Platão e Aristóteles quando estes tematizam sobre a felicidade, pois exigem que os indivíduos sejam contemplados com benesses que dizem respeito ao corpo, como saúde, força, vitalidade, juventude, ou a bens exteriores como riqueza, reputação, poder. Tais são realidades que nem sempre estão ao alcance do indivíduo, muitas vezes depende da “boa fortuna”,

o que de qualquer forma coloca a felicidade como uma realidade distante e quase inalcançável. Epicuro irá associar a felicidade a um único bem, o prazer, tal como ele o entenderá, uma vez que este filósofo esclarece que:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos (EPICURO, 2002, p. 1).

Essa é uma característica decisiva da reflexão moral do mundo antigo, pensa-se em função da felicidade. Todo o esforço teórico ou prático é desenvolvido na perspectiva de se elaborar uma contribuição que facilite o caminho em direção à felicidade que sempre é almejada. Com o período helenístico o ideal de felicidade será mais acentuado ainda, pois se estabelece um primado das preocupações práticas em relação às teóricas e se desenvolve um esforço para se colocar a felicidade ao alcance de todos, não dependendo mais de qualquer privilégio ou característica pessoal, sorte ou fortuna. É por essa razão que se pode dizer que a busca da felicidade é uma marca decisiva do pensamento antigo, pois:

Como todas as morais antigas, a moral epicurista é uma teoria do fim último da vida humana. Esse fim é designado pelo título geral de felicidade, que designa por definição aquilo para o que tendem naturalmente todos os homens. Mas divergências começam quando se trata de dar um conteúdo a essa ideia formal da felicidade. (CHÂTELET, 1973, p. 187).

A finalidade da vida humana, o que dá sentido a vida e faz com que ela seja almejada e desejada, é a felicidade (*eudaimonía*). Porém, devemos atentar que a felicidade é compreendida como, “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma” (EPICURO, 2002, p.), portanto, estará associada com o prazer duradouro e a serenidade do espírito. Assim, já temos alguns elementos para compreender que a felicidade poderá ser alcançada por meio de uma reflexão filosófica voltada para o conhecimento sobre a natureza humana, pois os desejos e prazeres devem ser experimentados na justa medida que permitam a sua durabilidade, Epicuro exemplifica que “assim como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve” (EPICURO, 2002, p. 1). A reflexão filosófica deve conduzir cada indivíduo a um autodomínio, a uma fruição adequada dos prazeres,

embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem. (EPICURO, 2002, p.3).

Os ensinamentos de Epicuro, vivenciados e ensinados no Jardim, enfatizavam que na vida prática os indivíduos devem procurar vivenciar aqueles valores que conduzem a uma vida feliz, daí ser essa a preocupação fundamental de uma vida filosófica. Desta maneira, a filosofia deixa de ser uma especulação teórica e volta-se para a construção e vivência de regras de procedimentos práticos. O epicurismo concebe uma filosofia como um estilo de vida, um modelo de espiritualidade cuja finalidade maior é estabelecer, por meio da reflexão filosófica, da amizade vivenciada em comum e da liberdade, uma vida feliz.

Portanto, é se afastando de doutrinas filosóficas que se perdem nas palavras e que não inspiram uma vivência prazerosa, que os homens estarão em um caminho de felicidade. O homem deve concentrar suas forças intelectuais em refletir sobre as realidades que importam, isto é, aquelas que dizem respeito diretamente a sua felicidade. Nada de perder tempo com assuntos que são inspirados por diletantismo, curiosidade passageira e soberba intelectual. Tudo isso é um mal, pois o desvia do caminho da felicidade, sempre possível quando se elegem os valores adequados.

A filosofia epicurista é baseada em um preceito filosófico bem simples: a inteligência humana pode conhecer a realidade do mundo e da vida interior e identificar os valores que podem orientar uma vida feliz. A vida feliz está ao alcance da reflexão, a meditação e a vida no jardim provam que sim; resta a cada um buscar a felicidade, construindo a ausência de dor e perturbação da alma.

Dois temas merecerão uma consideração especial, pois estão diretamente associados à felicidade: uma análise do real significado da morte para nós, “acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações” (EPICURO, 2002, p. 1), e uma meditação sobre a liberdade entendida como autarquia, no sentido de autossuficiência, interpretada como um grande bem, pois permite que cada homem possa dispor de sua vida com autonomia e responsabilidade. Cada passo da ética epicurista envolve “um exame cuidadoso (...) que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos” (EPICURO, 2002, p.3). O equilíbrio interior é perturbado por valorações erradas que conduzem a prazeres não duradouros, daí a necessidade da reflexão para identificação dessas falsas opiniões. Tal posição é bem exemplificada com a meditação sobre a morte, pois quando bem compreendida, dissipa-se o temor:

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte

como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida. O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não-viver não é um mal. (EPICURO, 2002, p.2).

Portanto, a ética epicurista começa com uma reflexão teórica sobre as virtudes que devem trazer um equilíbrio interior, estado necessário para se alcançar a vida feliz, mas “Isso não quer dizer que esse discurso teórico não responda às exigências de coerência lógica: bem ao contrário, é ela que faz sua força. Mas, ao exprimir ele próprio uma escolha de vida, quer conduzir a uma escolha de vida” (HADOT, 1999, p. 160). Os dois momentos estão indissoluvelmente associados, desenvolve-se uma reflexão teórica, mas pensada diretamente para a vida prática, isto é, modela-se teoricamente uma vida feliz e ao mesmo tempo impulsiona-se a viver este estilo de vida.

### **Felicidade e simplicidade**

Atentemos que a ética epicurista apresenta um claro ideal de vida simples, sem prazeres desmedidos e fortuitos, afastando o medo sem sentido da morte, com amizades sinceras e práticas coletivas, porém tudo movido e alimentado pela reflexão filosófica, entendida como uma sabedoria, cujo sábio sabe como bem viver. Porém, isso não significa um retorno para a complexidade das éticas platônicas e aristotélicas, que demandam uma sofisticada reflexão, além de outros elementos dependentes da fortuna pessoal. A ética epicurista está associada à reflexão filosófica, mas “as discussões técnicas e teóricas, sendo ofício de especialistas, podem ser resumidas para os iniciantes e os que progridem em um pequeno número de fórmulas fortemente encadeadas, que são essencialmente regras para a vida prática” (HADOT, 1999, p. 161). Dessa forma, consegue-se popularizar um estilo de vida que postula alcançar a felicidade, sem descuidar da meditação filosófica e sem ficar restrita a um pequeno grupo.

Esta proposta teórica valoriza as virtudes associadas a um modelo de vida prática, sem perturbações da alma, sem dores corporais, e que possibilitem ao homem usufruir dos prazeres até o seu limite, isto é, que não venha alterar a dinâmica de tranquilidade da alma e ausência de dor e



perturbação. Essa vida prática equilibrada é realizável, desde que o homem, como um sábio, cultive uma vida de estudos, reflexão e amizades vivenciadas coletivamente. Algumas preocupações comuns devem ser abolidas, tais como a busca desenfreada pelos bens luxuosos, consumo de produtos supérfluos. Dessa forma, Epicuro ressalta ainda:

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo (EPICURO, 2002, p. 2).

Deve-se procurar saciar com prazer as necessidades naturais: comer, beber, e dormir. Assegurando-se de ter o que é necessário para uma vida prazerosa. Porém, essa recomendação não é identificada com acumular riquezas, tida como uma fonte de tranquilidade. Almejar uma grande fortuna não é tomado como uma escolha sábia, pois ela além de não ser uma garantia para uma vida feliz pode, pelo contrário, ser mesmo uma fonte de infelicidade, porque a fortuna exige um grande esforço para manter e garantir aquilo que foi conquistado, então ser mais sábio “habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida” (EPICURO, 2002, p. 3). O ter exige um esforço contínuo para se continuar tendo, o risco e o medo de se perder o que se conquistou com grandes esforços, gera sofrimento e conseqüente infelicidade.

## Prudência e felicidade

Esta carta sobre a felicidade tem para nós a importância de apresentar um ideal de conduta humana que assume como sua maior meta a tão almejada “saúde do espírito”. Dessa forma, a ética epicurista reflete sobre temas fundamentais da vida humana, aquelas realidades que todos os dias nos incomodam: a morte, a solidão, a angústia e o medo. A insegurança é um componente da vida: fragilidade da saúde física e mental, o inesperado dos acontecimentos naturais e sociais. Acentuando a fragilidade como marca essencial da realidade humana, este ideal ético busca refletir sobre valores que tornem suportáveis aquelas realidades incontornáveis, de tal forma que mesmo na presença delas o homem consiga ser feliz, do contrário não valeria a pena viver ou não teríamos razões para não por fim a existência, assim Epicuro julga que “pior ainda é aquele que diz: bom seria não ter nascido, mas, uma vez nascido, transpor o mais depressa possível as portas do Hades” (EPICURO, 2002, p. 1). Aprender a viver bem e experimentar a felicidade mesmo quando a fragilidade da vida se manifestar faz do modo de vida epicurista uma sabedoria de vida, pois:

de todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas (EPICURO, 2002, p. 3).

A análise da *Carta sobre a felicidade* nos permite perceber que a ética epicurista se configura bem diferente e distante do que se costuma correntemente falar sobre ela. Uma busca desmedida dos prazeres, sobretudo dos prazeres fortuitos e passageiros. O termo *hedonismo*, associado à Escola Epicurista, é tomado como sinônimo de excesso, desequilíbrio e descontrole. No entanto vemos que o epicurismo está radicalmente associado à reflexão filosófica, a um estilo de vida comedido e regulado pela prudência.

Nessa forma de vida nem todos os prazeres devem ser experimentados, pois muito deles podem ser fontes de dissabores, intranquilidades que perturbam a paz de espírito. Mesmo que todos os prazeres em si mesmos sejam um bem, alguns devem ser evitados, pois as consequências negativas que podem deles decorrer, fazem com que não escolhamos vivenciá-los. Portanto renunciamos a dados prazeres não porque algum princípio abstrato prescreva que ele deve ser evitado, mas porque desejo experimentar a felicidade, e experimentá-la o maior tempo possível.

Por outro lado, o epicurismo entende que a dor é sempre um mal, mas nem por isso deve ser sempre evitada, pois há ocasiões em que a dor poderá ser fonte de prazeres intensos e duradouros no futuro. Dessa maneira, o homem deve se guiar por princípios práticos, avaliando os ganhos e as perdas, a intensidade e a durabilidade do que irá experimentar. Assim, uma prudência em direta dependência da vida prática deve orientar a sua vida, não princípios abstratos e distantes das preocupações e vivências do dia a dia.

### **Considerações finais**

A ética epicurista reflete sobre a capacidade e obrigação do homem como o único capaz de tomar suas próprias decisões e assumir responsabilidade pelas consequências delas. O ideal de felicidade aqui apresentado tem sido sempre um ideal para diferentes grupos na história da humanidade. Ele traz a marca da simplicidade e da beleza da vida sem excesso, afastando-se de falsas opiniões por meio de uma verdadeira reflexão filosófica diretamente relacionada com as questões que sempre incomodaram a humanidade: a morte, a dor, o medo e as angústias.

Epicuro afasta-se dos caminhos equivocados e enganadores percorridos por outros sábios, pelas religiões ou pelas pessoas menos instruídas, tomando a sorte ou o destino como máxima expressão daquilo que lhe é transcendental. São tentativas equivocadas, pois entregam tudo que poderia ser feito para construir os seus projetos de vida nas mãos dos deuses ou de qualquer outra força sobre as quais não tenham controle. Na contramão desta ideia, Epicuro coloca os deuses ou seres superiores como bem-aventurados, aqueles que

não precisam dos seres humanos, estes só se relacionam com os seus iguais, e se afastam dos diferentes, seres inferiores (mortais).

O homem, que de forma errada, pensa que os deuses se preocupam com os seres humanos, deveria vê-los como seres que em nada intervêm nas questões humanas, restando ao homem a obrigação de lutar por sua felicidade, sendo senhor de si. Por tal razão, a ética epicurista assume como sua principal questão uma meditação sobre como bem ordenar a vida em vista da felicidade. Nossa reflexão sobre a ética, proposta por Epicuro, afasta-se daqueles elementos fortemente racionais da cultura grega que marcam o pensamento contemporâneo, posto que são herdeiros desta cultura grega, sobretudo as éticas filosóficas e mesmo as religiosas. Epicuro aponta que a felicidade é o princípio e o bem último que deve ser almejado e buscado pelo ser humano.

### **ABSTRACT**

The simplicity and philosophical reflection are the essences elements to achieve happiness as Epicurus conceives. The article aims to analyze how it presents the relationship between these two realities and how they can be taken as grounds for an ethics that does not carry the brand of Greek rationalism. To better understand this challenge, we present as Epicurus will conceive philosophical reflection directly associated with a lifestyle whose hallmark is simplicity and freedom from the calls of society. In times of crisis the Greek polis , no longer think the individual as a mere atom of that political community , because thinking matter the individual as capable of establishing close relationships in small communities with common purposes of life . Epicurus also develops a reflection on the nature of the pleasures and importance of prudence, so that we can understand how a life marked by simplicity is no impediment to happiness.

**KEYWORDS:** Simplicity. Reflection. Happiness.

## REFERÊNCIAS

CHÂTELET, François. História da filosofia: ideias e doutrinas. In: **A filosofia pagã**. Tradução Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GOMES, Taúria Oliveira. **A ética de Epicuro: um estudo da carta a Meneceu**. Revista Eletrônica Print by UFSJ <[HTTP://www.funrei.br/publicações/METAVÓIA>METAVÓIA](http://www.funrei.br/publicações/METAVÓIA>METAVÓIA). São Paulo del-Rei, n.5, p.; julho.2003.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

REALE, Giovanni. História da Filosofia: **Antiguidade e Idade Média**/ Giovanni Reale. Dario Antiseri. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: PAULUS, 1990.

SAVIAN, Juvenal. **O Epicurismo e a ética do prazer e da prudência**. BIOETHICOS- Centro Universitário São Camilo- 2009.